

**CONHECIMENTO É SABER QUE SEMPRE HAVERÁ MAIS PARA
DESCOBRIR: uma reflexão sobre o pensamento pertinente**

Knowledge is knowing there is always more to discover: a reflection on relevant thinking

Resenha de: MORIN, Edgar. *Conhecimento, ignorância, mistério*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

Paulo Sérgio Raposo da Silva*

* Graduado em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), compõe o Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM-UFRN). E-mail: pauloraposo10@gmail.com.

Não há uma única maneira de conceber, interpretar e comunicar o mundo: existem tantos modos de nomear as coisas quanto podem ser variados os fenômenos e as experiências que se colocam e instigam a curiosidade, mesmo que essas diferentes maneiras não tenham sua importância, sua eficácia e sua pertinência reconhecidas pelo pensamento científico clássico, marcado pela institucionalização.

A arte, a poesia, a imaginação, o senso comum, as fantasias, o imaginário, a necessidade de sobreviver em ambientes hostis, o pensamento mágico-religioso, os saberes populares e tradicionais são exemplos de incursões dos humanos na busca por se afirmar, compreender e decifrar a si, lidar e elaborar as realidades que lhes confrontam, que lhes instigam e despertam curiosidade, de modo que a ciência formal é apenas um dos vários recursos da intelectividade.

Todas essas maneiras de refletir possuem precisões e imprecisões, pertinências e relatividades, porque a realidade precede e ultrapassa a capacidade de síntese das linguagens disponíveis, de sorte que as coisas que se podem saber devem ser tratadas como frações daquilo que realmente é a vida, os humanos e seus saberes.

Estes são os temas tratados pelo célebre e multidisciplinar pensador francês Edgar Morin, no livro *Conhecimento, ignorância, mistério*. Nesta obra, o autor retoma temas que consagraram suas ideias como provocações indispensáveis para o bem-pensar e o fizeram ser mundialmente conhecido no campo específico da epistemologia, que de uma maneira ou de outra, tratando de assuntos diferentes, marcam toda sua obra e até hoje seguem suscitando debates e críticas do mais alto relevo para as humanidades e, de modo geral, nas diversas áreas do conhecimento que, ao se apropriarem das propostas da complexidade, são convocadas a repensar suas práticas, questionar suas verdades comuns e rever conceitos intocáveis.

Diferentemente de outros textos seus sobre as ciências e os conhecimentos de maior densidade teórica, ao longo dos oito capítulos da obra, Morin trata e problematiza mais objetivamente temas bastante caros à história do pensamento, tais como as noções de matéria, o real, a natureza do conhecimento, verdade e origem da vida e do universo.

A objetividade empregada na crítica às maneiras fechadas de lidar com essas questões demanda do leitor conhecimento prévio do que ali se elabora, todavia, não retira do autor a profundidade e o amplo alcance poético-filosófico que demarca seu estilo e pavimenta sua caminhada de intelectual ousado, sofisticado e original.

Onívoro cultural, Edgar Morin faz do livro uma ágora particular em que traz à luz um amplo leque de pensadores e pensamentos, noções e conceitos que no mais das vezes estão restritos aos espectros disciplinares nos quais surgiram e a partir dos quais, por causa da própria natureza dos espectros, não podem ser considerados como relativos e parciais. O leque se estende desde a física,

astrofísica, cosmologia, filosofia das ciências e do conhecimento até à química e à espiritualidade. Ilya Prigogine, Isabelle Stengers, Niels Bohr, Michel Cassé, Karl Popper, Kant, Hegel, Thomas Kuhn, Michel Serres, Paul Feyerabend, são alguns dos exemplos que mostram a expansão e consistência das suas formulações.

Dialogando com esses teóricos, Morin volta-se para o universo e os mistérios que subsistem nas reflexões sobre ele a fim de demonstrar que a pessoa humana contém em si a história do cosmo e ambas as histórias são caracterizadas por incógnitas cuja força resiste ao tempo e ao avanço tecnológico, às máquinas espaciais, aos telescópios de última geração, aos aceleradores de partículas, ao avanço mesmo dos campos teórico-conceituais, o que demonstra sua característica estrutural.

Para o intelectual francês, conhecimento, ignorância e mistério não se excluem obrigatoriamente; pelo contrário, interligam-se, sucedem-se, constituem o mesmo circuito que significa conhecer, portanto, são inseparáveis, de sorte que as ideias que os sistemas de pensamento têm acerca do mundo e da vida humana propriamente dita não podem ser tratadas como reflexos do real, mas sim como traduções, interpretações que, a seu turno, são tão limitadas quanto são a linguagem, as palavras, os instrumentos de detecção e a observação de que os homens dispõem podem ser.

Ter conhecimento sobre algo implica tomar consciência de que, ao investigar os objetos e os sujeitos, temas e fenômenos, a própria investigação revelará enigmas, imprecisões, desordens, coisas inexplicadas, incognoscíveis e inconclusas. Esta revelação constitui o perímetro que, além de ser admitido pelo pensamento como parte constituinte das coisas sobre as quais discursa, gera as condições necessárias para que aquilo que não é tido como científico mostre sua vitalidade.

Segundo Morin, a realidade do universo é emergente tanto quanto é a realidade humana. O cosmo não possui um criador, porque se auto-eco-produziu e, ao produzir a si mesmo, passa a reproduzir para os seres vivos que o habitam os acasos, as incompreensibilidades, as infinitudes, os incognoscíveis típicos da sua natureza e do seu modo de operar a partir de extraordinárias potências criativas e potências destrutivas que, embora sejam forças ambivalentes, coexistem dialogicamente e faz com que o cerne do funcionamento do universo e das espécies esteja na ordem, desordem, interação e organização.

A vida, então, passa a ser um grande palco em que os contrários se encontram, chocam-se e fazem seus jogos, cujo resultado é a realidade tal como podemos apreendê-la. Exímio leitor e intérprete das complexidades da vida humana, Edgar Morin transita pelo imaginário dos sujeitos, pela capacidade de criar seus mitos, seus deuses, suas ideologias, suas fantasias, seus sonhos, devaneios e desejos que se mostram e reivindicam lugar no seio da realidade, tenha ela a materialidade e clareza

que tiver, afinal, a vida vivida é coproduzida pela imaginação e pela capacidade de projetar-se para fora de si.

Nesse sentido, viver, mais do que resultado de um processo evolutivo, também é ato revolucionário, igualmente permeado por mistérios como o universo em que esse ato é possível, posto que se configura o embate contra aquilo de que é impossível afastar-se completamente: a morte. Viver e morrer são experiências antagônicas, mas inseparáveis, pois dependem uma da outra para acontecerem.

Esse complexo que une em uma mesma existência opostos que se entrelaçam faz o homem ter uma relação de continuidade e descontinuidade com o mundo físico-químico; ou seja, ao passo que os humanos dependem do meio ambiente para sobreviver nutrindo-se dos recursos disponíveis na natureza, distanciam-se desta quando afirmam-se por suas aptidões cognitivas e a emergência da inteligência e da sensibilidade que gera nos sujeitos a vontade de vida, o querer-viver que se contrapõe ao curso natural da espécie.

Quanto mais vida, maior e mais permanente será a luta contra a morte. Trabalho permanente que, paradoxalmente, tem na sua intensidade o seu fracasso, isto é, todos os esforços em busca de mais tempo não passam de variações de uma vitória provisória contra um fim inevitável.

Tal constatação, relativamente pessimista, não suprime a vida; pelo contrário, complexifica sua origem, seu funcionamento, seus lastros, seu enraizamento e a torna o desafio particular de cada indivíduo que, integrado ao todo, precisa compreender-se como parte necessária para a continuidade da espécie: a morte persegue a vida, no entanto, também a estimula e qualifica, visto que a mobiliza a estender-se, a reproduzir-se, a multiplicar-se, mesmo que o duelo contra a morte seja mortífero: implique em matar outros seres vivos para a sobrevivência.

A vida se constrói multiplicando-se e autoconsumindo a si. De todo modo, o indivíduo depende da espécie assim como esta depende daquele, porque o primeiro produz a segunda, e vice-versa, em um tipo de associação circular que é elemento central para a compreensão da vitalidade humana ao mesmo tempo maravilhosa, inteligente, engenhosa, criativa e criadora, cheia de sentido e incompreensível, absurda, insana, lancinante; contradições que mais cedo ou mais tarde emergirão e demandarão reação.

Não é necessário tê-las de modo absolutamente conclusivo, como quem encontrou o sentido último da existência, mas sim aderir a significados que conferem ao simples fato de estar vivo e experimentá-lo em plenitude a melhor resposta. Enquanto permanente recomeço que se auto-organiza, a vida, ao se expressar, manifesta profusão de criatividade viva que pode ser notada desde a hipercomplexidade dos processos evolutivos das espécies à capacidade de transformar prosa em poesia, de criar e recriar, produzir e reproduzir a si, a outros, o belo para além dos limites da

interpretação darwiniana capaz de traduzir esses movimentos apenas como mecanismos de adaptação ao ambiente, sem considerar a imensa potencialidade inventiva existente na interação entre os vivos; interação entendida como a arte das metamorfoses, tal como acontece com a linguagem, a primeira necessidade de comunicação e faculdade em cujo cerne há características do cosmo, da vida, do micro e do macro.

Polimórfica, a vida constitui-se a partir de extremos indissociáveis, polos ambivalentes: maravilhosa e cruel, assustadora e encantadora, admirável e louca, necessita daquela mesma criatividade que a produz para resistir e sustentar-se; apenas uma plena consciência e uma grande sensibilidade serão capazes de abrir-se ao real na sua beleza inesgotável. A falta de uma profunda reforma do conhecimento, da consciência e do pensamento humano interdita a assimilação necessária para admitir a existência do desconhecido no conhecido, o banal no sublime, o sublime no banal e a prevalência de incógnitas na constituição e avanço dos saberes.

Possuímos e somos possuídos por tudo aquilo ao qual nos conectamos, de modo que não somos máquinas triviais, completamente previsíveis e automatizadas. Nossas ações são atravessadas por imprevistos, pelo inesperado, pela loucura. Dispomos de um tipo de racionalidade afeita a essa ciranda existencial? Com efeito, o autor insiste no “não” como resposta, por isso persiste em defender uma reforma radical na maneira de pensar a si e aos nossos dispositivos interpretativos.

O cérebro e o espírito, conforme exemplificado no texto, comunicam-se e são compreendidos por caracteres distintos: o primeiro, lida com frequências eletroquímicas; o segundo com palavras e frases, mas nenhum sobrevive sem seu diferente. Cumpre evitar a petrificação da realidade para perceber e manter abertas as muitas vias de acesso pelas quais podemos nos humanizar e tomar consciência da fragilidade das nossas teorias, da autossuficiência dos conceitos, do racionalismo estéril que, em vez de incluir, marginaliza e, por conseguinte, conduz a uma concepção cindida de si, do outro e da biosfera.

Isso, assinala o intelectual francês, implica não reduzir uma faculdade do cérebro a outra ou disjungi-las, mas sim preservá-las como componentes interdependentes que emergem e não podem ser negados ou suprimidos em defesa de uma racionalidade ensimesmada, capenga e no final das contas cega. Os nossos duplos, que dão causa aos deuses e espíritos que veneramos nas nossas religiosidades ou incursões espirituais, são expressões da coexistência entre mistério, conhecimento e ignorância; são efeitos da relação imbricada que há entre uma e outra dessas três dimensões.

Ao ter de lidarmos com a interpretação do que nos circunda, essas dimensões da busca do conhecimento se colocam e por vezes mantêm-se mesmo quando algumas conclusões são tiradas. Sobrevalorizar o conhecimento, como se este tivesse sempre a última palavra sobre as existências,

trata-se de uma idealização que a vida concreta dos sujeitos denuncia como tal e, no limite, suspende. O futuro está sempre às portas.

Seus propulsores, segundo Edgar Morin, são ciência/técnica/economia. Essa tríade, fonte dos problemas e simultaneamente das soluções, aponta para dois destinos já em curso: a catástrofe, provocada pela destruição da biodiversidade, e a promessa, a promessa de dias melhores e de um novo humanismo consciente da sua integração com o meio ambiente, cuja consecução está atrelada justamente ao bom uso do triplo motor propulsor do desenvolvimento. Do contrário, se insistirmos em métodos predatórios de produção e consumo, para nós humanos estará reservada a pós-humanidade, a superação do humano tal como o conhecemos.

O livro é uma ode àquilo que costumeiramente o pensamento formal subestima ou ignora, um lembrete de que, mesmo ocupando um lugar secundário nos sistemas conceituais racionalistas, a impermanência, a dúvida, a incerteza, o mistério, aquilo para o que ainda não há explicações absolutamente convincentes retorna, reaparece, reclama atenção no interior das relações, na própria estrutura dos problemas e nas repercussões geradas pelas descobertas que enredam o humano, sua natureza, seus empreendimentos e seu modo de se situar no mundo como sujeito.

Por causa da sua amplitude, beleza e contundência, *Conhecimento, ignorância, mistério* é um livro indicado tanto para acadêmicos interessados a iniciar estudos sobre o Pensamento Complexo, revisado por aquele que é seu maior artífice, quanto para o público leigo que tem dúvidas sobre questões científicas e os tipos de respostas que oferecem a dúvidas existenciais.

Para todos os efeitos, os temas tratados na obra dizem respeito a todos que não perderam a capacidade de se surpreender, de se impressionar e admitir a persistência de zonas nebulosas que certezas podem ter. Neste sentido, a ignorância e a sua admissão são pré-requisitos para aproveitar melhor a vida adaptando-se à sua capacidade singular de apresentar ineditismos a cada passo dado por uma nova descoberta feita por cientistas ou pela constante por respostas.

É necessário, portanto, enfrentar as incertezas para acomodar as antinomias, o caos e as heterodoxias que se insurgem. Assim, caminharemos na direção de um conhecimento pertinente, isto é, a pré-disposição do pensamento ao livre exercício da curiosidade e ao entrecruzamento de ideias variadas que sejam capazes de operar em favor da conjunção, da reunião, da aproximação entre instâncias que aparentam estar distantes umas das outras. Mas, essas são pares que se autocomplementam, regulam-se mutuamente, correspondem-se e definem-se a partir das modulações do outro com o que ou com quem formam seus pares, no geral e no particular, no micro e no macro.

Sendo assim, pensar bem e com pertinência é reunir aquilo que foi separado e se desfigurou por causa desta mesma separação, para devolver seus atributos e sua polivalência; é, pois, um

rearranjo arquitetônico, uma recriação de mosaicos, um caleidoscópio. Isso é o que se pode chamar de Pensamento Complexo.